



CURSO DE LICENCIATURA EM ARTES CÊNICAS E DANÇA

Trabalho de Conclusão de Curso
Elisabete Cavalcante da Costa

**DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR A PARTIR DA
EDUCAÇÃO SENSÍVEL**

**CAMPO GRANDE/MS
NOVEMBRO/2017**

DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR A PARTIR DA EDUCAÇÃO SENSÍVEL

ELISABETE CAVALCANTE DA COSTA

Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pela Professora Doutora Gabriela Di Donato Salvador Santinho, apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de Artes Cênicas e Dança – Licenciatura da UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

**CAMPO GRANDE/MS
NOVEMBRO/2017**

DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: UM OLHAR A PARTIR DA EDUCAÇÃO SENSÍVEL

Elisabete Cavalcante da Costa¹

Gabriela Di Donato Salvador Santinho²

RESUMO: A Dança na Educação Infantil tem um papel fundamental no desenvolvimento da criança, pelas possibilidades de proporcionar uma diversidade de vivências corporais e sensíveis. Assim, o foco desta pesquisa é identificar qual o tipo de dança deve ser vivenciada na Educação Infantil. A percepção corporal é o ponto de partida desta pesquisa, pois gera nas crianças conhecimento e reflexões sensíveis e corporais acerca de si e do mundo. Pretendemos apresentar essa discussão considerando as diversas possibilidades de trabalho com a dança na educação. A pesquisa terá caráter bibliográfico acerca do tema, considerando a prática do Estágio Curricular Supervisionado I, na Educação Infantil, realizado pela autora durante o curso de licenciatura em Artes Cênicas e Dança da UEMS. Alguns dos autores que pautam nossa pesquisa são; Edwards, Gandini e Forman (1999) que tratam da educação infantil e as abordagens metodológicas pertinentes a essa idade escolar, Gabriela Salvador (2011) e Isabel Marques (2010) no que concerne à dança na educação, Merleau-Ponty (1994) – Fenomenologia da Percepção, entre outros autores. Além disso, utilizaremos as considerações do autor João Francisco Duarte Junior, que defende a educação sensível como proposta de aprendizado corporal.

Palavras-chave: Dança, Educação Infantil, Educação sensível.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa vem impulsionada da pergunta que surge no decorrer de nossa vida acadêmica: Qual tipo de dança deve ser vivenciada na Educação Infantil? Visto que a dança é considerada uma das primeiras manifestações artísticas do ser humano e que na educação infantil podem despertar importantes estados corporais e sensíveis, pretendemos então apresentar o tipo de dança que deve ser abordada na Educação Infantil considerando as diversas possibilidades de trabalho com a dança na educação.

Utilizamos da pesquisa bibliográfica, considerando a prática do Estágio Curricular Supervisionado I na Educação Infantil. Alguns dos autores que pautam a nossa pesquisa são: Merleau-Ponty (1994) – Fenomenologia da Percepção – porque a abordagem fenomenológica da percepção identifica-se com os movimentos do corpo e redimensiona a compreensão de sujeito no processo de conhecimento. Edwards, Gandini e Forman (1999), que trataram da Educação Infantil e as abordagens metodológicas pertinentes a essa idade escolar, Gabriela

¹ Elisabete Cavalcante da Costa é acadêmica do curso de Artes Cênicas e Dança pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – Unidade Campo Grande.

² Gabriela Di Donato Salvador Santinho, orientadora do presente artigo, é Doutora em Artes da Cena pela Universidade Estadual de Campinas, instituição na qual obteve os títulos de Mestre em Artes Cênicas, Bacharel e Licenciada em Dança. Atualmente é Professora do curso de Artes Cênicas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

Salvador (2011) que nos mostra uma visão da Dança na Educação pautada na escuta corporal, Isabel Marques (2010) no que concerne à dança na educação, entre outros autores. Além desses autores, temos como fio condutor de nossas discussões, o autor João Francisco Duarte Junior (2006), que defende a educação sensível como proposta de aprendizado corporal, ou seja, uma educação que pode ser verificada no mais simples cotidiano, e que precisa ser aplicada através de uma educação da sensibilidade, dos sentidos que nos colocam em contato com o mundo.

A pesquisa será dividida em três tópicos sendo: o primeiro um breve relato sobre a Educação Infantil, falaremos de experiências vivenciadas em nosso Estágio Curricular Supervisionado I, do curso de licenciatura em Artes Cênicas e Dança da UEMS, que aborda o ensino de Artes Cênicas (Teatro e Dança). O segundo tópico abordado será a Dança na escola, e suas diferentes abordagens na primeira infância. Dança e educação são dois modos de ser e estar em sociedade, de conviver, de estar com, de viver, de ver. Isabel Marques (2010) nos esclarece que os elos que ligam a dança e a educação podem gerar práticas condizentes com as necessidades e possibilidades do mundo atual, contribuindo com uma maior sensibilização da criança em relação aos fenômenos e ampliando sua relação com o mundo.

A escuta Corporal é muito importante para conduzirmos o trabalho com a dança na Educação Infantil. Podemos propor exercícios em que as crianças possam entender o seu corpo e depois fazer, explorá-los. De acordo com Salvador “A prática da sensibilização corporal ativa nossos sentidos, a fim de abri-los ao novo, ao inusitado, ao desconhecido. A sensibilização corporal torna os poros do corpo abertos para o mundo” (2011, p.49).

Essa prática pode ser realizada de maneira bastante simples, desde a automassagem e o toque sutil. Podemos começar despertando o corpo para os próximos passos, olhando com atenção para realmente vermos o espaço, as pessoas a nossa volta, os objetos; sentir os cheiros do ambiente, das pessoas, sentir nosso cheiro; ouvir os sons possíveis de serem ouvidos e tentar ouvir os sons ainda mais sutis, ao longe; tocar o chão, a parede, nossas roupas e nossa pele, a fim de percebermos as diferentes texturas e temperaturas. Essas são práticas que devem ser incentivadas no início da percepção e da consciência corporal, depois, pode-se a trabalhar com as sensações, imagens e lembranças que esses sentidos podem trazer, e, para estarmos mais atentos e mais sensíveis ao que nos rodeia.

E, por fim, o terceiro tópico tratará da proposta da dança na educação infantil a partir da educação sensível que fará com que as crianças tenham novos conceitos, novas percepções, novos olhares, sobre seus corpos e o mundo em que vivem.

1. EDUCAÇÃO INFANTIL

Para iniciarmos a abordagem sobre a *Dança na Educação Infantil*³ precisamos entender a importância de estabelecer um contato sensível com as crianças na primeira infância. Este contato de nossa parte aconteceu durante a disciplina do Estágio Curricular Supervisionado I, do curso de licenciatura em Artes Cênicas e Dança da UEMS, que aborda o ensino de Artes Cênicas (Teatro e Dança). Na Educação Infantil a observação participativa e a regência em sala de aula nos fizeram perceber que devemos praticar uma observação atenta às crianças, o que implica em uma escuta sensível a respeito de todos os acontecimentos que as envolvem desde as manifestações mais sutis, até aquelas que as incitam a estabelecer suas percepções sobre as experiências por elas vividas.

É no ambiente da Educação Infantil que compreendemos como usar as curiosidades e as demais potencialidades das crianças como aliadas aos seus interesses, descobrindo surpreendentes horizontes de investigações. Ao movimentar-se, ver, ouvir, explorar, criar, sentir, as crianças formam conceitos e valores desenvolvendo linguagens e vocabulários verbal e corporal.

Uma das grandes forças da Educação Infantil está justamente em escutar e mediar seus “despropósitos”, os incontáveis “porquês” da criança desta faixa etária. Conforme as autoras:

(...) As crianças de hoje são antenadas, conectadas ao mundo virtual, são constantemente bombardeadas por informações de todos os tipos, são alertas, rápidas. Não cabem mais ações tradicionais que as enfileiram em carteiras e cobram disciplina, controle, repetição de conteúdos, memorização sem sentido. A escola precisa ser mais interessante do que isso, e é necessário que o professor se municiie de estratégias organizadoras do currículo que possam deliciar os olhos das crianças, convencê-las de que conhecer pode ser ao mesmo tempo, uma aventura por um mundo de descobertas e um prazer inigualável. (RIBEIRO & OLIVEIRA, 2017, p.14).

Na atualidade para não ter que ficar cuidando das crianças, para que elas não se machuquem, os pais acabam trancando os filhos em suas casas, colocando-as para assistirem desenhos animados, para ouvirem músicas, ou entregam um celular em suas mãos, para que possam assistir ou jogar na internet. Em seu texto sobre Educação Sensível, Duarte Júnior (2006) nos alerta dizendo que um dos motivos que o levou a escrever sobre a importância da educação sensível consiste em “tornar evidente o quanto o mundo hoje desestimula qualquer refinamento dos sentidos humanos e até promove a sua deseducação, regredindo-se a níveis toscos e grosseiros” (2006, p.20).

³ A dança não é conteúdo obrigatório no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998). Ela apenas aparece e é tratada como “atividades do movimento”.

O professor deve, então, vir na contramão da dessensibilização dos sentidos humanos, e ensinar, proporcionar, transmitir e encorajar as crianças a se tornarem cada vez mais interessadas em experimentar, sentir, fazer, trocar, conhecer, vivenciar seus corpos e seus sentidos. Para alcançarmos êxito nessa primeira etapa da Educação Básica é preciso sair ostensivamente da zona de conforto, a qual o professor só segue um roteiro preestabelecido para dar aula. De acordo com Ribeiro e Oliveira, “é necessário que o profissional na Educação Infantil esteja aberto a educar, cuidar, brincar, escutar e enxergar as crianças em sua riqueza e diversidade” (2017, p.25).

Uma maneira de aumentar e aproveitar bem todas as qualidades de cada criança é desenvolver experiências sensíveis na investigação e na imaginação infantil. Questões e desafios devem sempre transpassar nossa curiosidade racional sobre os primeiros anos da aprendizagem. Temos que pensar sobre as particularidades, debates, impasses que devem surgir nas experiências práticas que iremos desenvolver com as crianças. Uma das experiências que podemos vivenciar com as crianças é fazer com que elas possam ter acesso e contato direto com o que a natureza nos oferece como, por exemplo, fazer com que elas percebam a sutileza do vento batendo no rosto. As ações necessitam estar metodologicamente sistematizadas e planejadas com objetivos claros para que as propostas sejam realizadas com sucesso, tendo em vista o desenvolvimento e o aprendizado das crianças. De acordo com os autores:

(...) a educação é vista como uma atividade comunitária e uma participação na cultura através da exploração conjunta entre crianças e adultos que, juntos, abrem tópicos à especulação à discussão. O enfoque oferece-nos novos meios de pensar sobre a natureza da criança como aprendiz, sobre o papel do professor, sobre a organização e o gerenciamento da escola, sobre o desenho e o uso dos ambientes físicos, e sobre o planejamento de um currículo que guie experiências de descobertas conjuntas e soluções de problemas de forma aberta. (EDWARDS, GANDINI & FORMAN, 1999, p.23).

Sabe-se que, trabalhar com crianças na faixa etária da educação infantil requer muitos cuidados e atenção, é preciso incentivá-las a buscarem novas descobertas nas atividades que lhes são propostas, dentre outros diferentes desafios devemos também, proporcionar informações detalhadas sobre o que ocorre na escola aos pais e a comunidade em geral de forma clara, compreensiva e participativa acerca do processo de desenvolvimento da criança.

Conforme Edwards, Gandini e Forman (1999, p.33) “a educação deveria liberar a energia e as capacidades infantis e promover o desenvolvimento harmonioso da criança como um todo, em todas as áreas – comunicativa, social, afetiva e também em relação ao

pensamento crítico e científico” e para isso, é preciso uma preparação e um olhar atento do professor, em relação às crianças e à proposta para as aulas.

O que nos chamou muito atenção durante as observações no Estágio Curricular Supervisionado I na Educação Infantil, em especial no Pré II que são crianças de 5 a 6 anos, foi como elas utilizavam e expressavam suas sensações e emoções muito bem através dos desenhos, onde registram suas ideias, observações, recordações, sentimentos e assim por diante, pois eram umas das linguagens que a professora regente mais desenvolvia com as crianças. O nosso desafio foi incorporar essa linguagem visual podendo transformá-la, adaptando-a para uma linguagem corporal, ou seja: Como aquele desenho, poderia ser realizado no corpo? Quais movimentos poderiam ser realizados? Qual cena ou qual história poderia ser construída cenicamente através daquele desenho? Essas perguntas foram norteadoras de nosso trabalho, pois a linguagem artística que trabalhamos em nosso estágio foram a linguagem de nossa formação, as Artes Cênicas (Teatro e Dança).

Percebemos a partir dessas propostas realizadas durante o estágio que a dança é sim caminho eficaz e seguro de exploração da criatividade e expressividade da criança na Educação Infantil, pois, conforme nos esclarece Godoy (2010), o espaço escolar apresenta uma possibilidade enorme de estimular o contato e a aprendizagem da dança, porque nele a criança é apresentada a diversos saberes, pode, a partir da prática da dança, construir conhecimentos ampliando suas possibilidades de inserção na sociedade. A dança faz parte desse universo expressivo, porque proporciona a apreciação estética que envolve o corpo em movimento. Dançar pode significar um modo encantador de conhecer o corpo e comunicar-se por meio dele.

Por isso, precisamos dar prioridade ao que as crianças sabem e sentem. Elas precisaram aprender que o corpo será muito importante para entender e sentir tudo o que está no mundo.

Na Educação infantil normalmente as crianças são bastante ativas e abertas a novas descobertas sobre o mundo que as cercam, como também encontramos nesta etapa da educação, criança indisponíveis e desinteressadas nas atividades práticas e no ensino. Devemos ter muito cuidado, pois muitos professores bloqueiam esta criança que é bastante ativa, e acabam constringendo-a. Estas duas situações deveriam ser mais bem conduzidas pelos professores, se houvesse diálogo entre ambas às partes, tanto com os alunos, quanto com os pais e professores, e esta atitude poderá ser de grande valia para desvendar ou descobrir possíveis soluções para tais situações, devemos ter um conhecimento constantemente atualizado sobre as crianças. Segundo a autora:

Os alunos devem aprender por interesse e curiosidade, e não por pressão externa. Isso não implica a não-diretividade, mas a proposta de conteúdos de ensino e o incentivo a cada aluno para navegar pelas relações que estabelece entre os conteúdos da aprendizagem, a própria cultura e a vida pessoal. (IAVELBERG, 2003, p.10)

As crianças da Educação Infantil são excelentes avaliadoras e as juízas mais sensíveis dos preceitos e da criatividade, como pudemos observar em nosso estágio quando os alunos dessa faixa etária de 4 a 6 anos, mostravam interesse crítico sobre as propostas práticas de dança apresentadas por nós. A sensibilização corporal desenvolve ainda mais essa criatividade, aproximando-as de seu corpo, uma vez que é sua primeira forma de contato com o mundo. Segundo Edwards, Gandini e Forman (1990, p.80), “a criatividade parece expressar-se por meio de processos cognitivos, afetivos e imaginativos, que se unem e que apoiam as habilidades para prever e chegar a soluções inesperadas”. Um dos papéis do professor é saber fazer essa conexão entre a criatividade e a expressividade, pois suas qualidades e capacidades são impressionantes e encantadoras, aliadas a uma necessidade inesgotável por expressão e realização. Em nosso estágio, procuramos observar nossa própria prática docente tentando fazer essa conexão tão importante. De acordo com os autores:

Aprender e reaprender com as crianças são a nossa linha de trabalho. Avançamos de tal modo que as crianças não são moldadas pela experiência, mas dão forma à experiência. Existem duas formas pelas quais podemos olhar os processos de aprendizagem das crianças e descobrir indícios para o seu apoio: uma é como as crianças ingressam em uma atividade e desenvolvem suas estratégias de pensamento e ação; a outra é o modo como os objetos envolvidos são transformados. (EDWARDS, GANDINI & FORMAN, 1999, p.98).

É preciso ter confiança e o cuidado para permitir que as crianças sigam suas próprias intuições e impulsos criativos, ou seja, nem sempre o que passamos e preparamos para uma turma ira dar certo com outra, ou o que foi proposto no ano anterior, temos que estar sempre nos reciclando e observando muito, ao que as crianças estão nos oferecendo como aprendizado, o modo com que elas pensam e a ação que elas têm para realizar cada proposta da aula, e como elas transformam aquele pensamento em uma ação única de conhecimento, é com o que devemos nos importar. Segundo Edwards, Gandini e Forman “Os professores seguem as crianças, não seguem planos. Os objetivos são importantes e não serão perdidos de vista, mas o porquê e como se chegar até eles são mais importantes” (1990, p.80) O autor ainda acrescenta que:

O desafio do adulto é estar presente sem ser um intruso, a fim de manter melhor a dinâmica cognitiva e social enquanto está em progresso. Ocasionalmente, ele deve apoiar o conflito produtivo desafiando as respostas de uma ou várias crianças. Em outros momentos, deve envolver-se para reviver uma situação, quando as crianças estão perdendo o interesse, porque o mapa cognitivo que está sendo construído está além ou abaixo das capacidades atuais delas. (EDWARDS, GANDINI & FORMAN, 1999, p.117).

Outra forma muito interessante para trabalhar com as crianças desta faixa etária é através da escuta de seus corpos dançando, porque nem sempre conseguimos entender ou compreender o que a criança quer nos dizer, quando lhe perguntamos algo, nem mesmo pela fala, pela escrita de palavras, e nem através do desenho, como foi no Pré I que são crianças de 4 a 5 anos, que acabaram de sair das creches ou até mesmo estão tendo o primeiro contato com a escola e estão ainda começando a aprender a escrever os seus próprios nomes. Então abordaremos a maneira com a qual a prática da dança pode nos ajudar a compreendermos e aprendermos a ouvir o corpo da criança, deixando-a por meio da dança expressar-se corporalmente, e a partir desse momento entender-se, perceber-se e conhecer-se seu corpo no espaço.

Devemos ter clareza de quanto é significativo o modo como a dança é ensinada, pois a dança, enquanto arte do/com/pelo corpo, pode proporcionar o potencial de transformação dos cenários cotidianos sociais, é por isso que a maneira como as metodologias são adotadas pode fazer com que esse potencial da arte da dança seja ou não transformador.

Para compreendermos melhor sobre esse diálogo precisamos esclarecer como a dança deve ser trabalhada na escola, o que faremos a seguir.

2. DANÇA NA ESCOLA

Verificamos, através da nossa experiência no Estágio Curricular Supervisionado I, na Educação Infantil, que a dança na escola ainda é vivenciada e aproveitada somente para fins festivos de datas comemorativas, mesmo depois de décadas de existência de estudos consistentes na área da dança na educação. Não que seja ruim realizar trabalhos com a dança nessas datas, mas precisamos ressaltar o quanto é importante sabermos como se deu esse processo coreográfico, salientando a existência de uma pesquisa (corporal e teórica) em torno da proposta coreográfica a ser realizada. Esse caminho de trabalho com a dança, que envolve pesquisa corporal e escuta do corpo é de extrema importância para que o aluno adquira o conhecimento dessa linguagem artística e possa experimentar a transformação corporal, sensível e até racional proposta por esse trabalho. De acordo com a autora:

Gestores, diretores de escola e professores que se contentam com dancinhas pontuais nas festas comemorativas e não questionam os processos porque passaram os alunos afirmam em suas atitudes que *contatos* entre a dança e a educação são suficientes no processo pedagógico: são tomados pela ingenuidade, pela funcionalidade, pelo pragmatismo – “a festa já está preenchida de alguma atividade para divertir e ocupar a comunidade” - é inconsequente. (MARQUES, 2010, p.29)

É ainda mais preocupante, quando os professores tratam as aulas de danças como meras reproduções e ensaios de repertórios ou de sequências de passos pré-estabelecidos, sem

aprofundamento ou discussão, ou seja, muitos professores simplesmente copiam e reproduzem em seus corpos, negligenciando a capacidade criativa e expressiva de seus alunos.

O professor que ensina dança não deve regradar somente o ensino da dança em suas técnicas e movimentações corporais. É preciso que este profissional vá além com seus alunos, é necessário despertar a visão para os signos, para os dizeres do corpo. Devemos ensinar que os mecanismos da dança estão a favor da expressividade, a favor de um corpo que tem algo a dizer.

Strazzacappa nos alerta: “Toda dança promove transformação, logo, toda dança é educação. A dança em si já é educativa, expressiva e criativa, dispensando adjetivos. Se não é constituída desses três fatores, então, simplesmente não é dança” (2010, p.41).

Poderíamos dizer então que, o que nos interessa como conteúdo de dança escolar são os elementos da linguagem criativa por meio do movimento. Para crianças com idade inferior a sete anos, ou seja, para os alunos da Educação Infantil e da primeira série do Ensino Fundamental I, a dança deve ser incentivada por meio de atividades lúdicas que promovam a exploração do movimento e do ritmo, acrescentando o corpo disponível para as atividades práticas propostas para a aula, como explica Salvador:

Ainda refletindo sobre a construção do pensamento sobre o corpo e o movimento na dança podemos acrescentar que o corpo disponível deve ser um corpo aberto, dilatado, um corpo preparado para atuar extra cotidianamente. Esse corpo disponível para afetar e ser afetado pelas inspirações que o atravessam, é também o corpo que buscamos na dança-educação, uma vez que na educação formal não buscamos a formação de dançarinos profissionais, mas procuramos expandir as possibilidades expressivas dos alunos, a fim de mostrarmos a possibilidade de expressão artística que existe em seus corpos e em seus movimentos. (SALVADOR, 2011, p. 36).

Traçando uma ponte entre a dança na educação e a concepção fenomenológica da percepção, podemos afirmar que a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando o mesmo corpo como uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo.

Desta forma, a partir desse olhar fenomenológico, os movimentos corporais acompanham nosso acordo perceptivo com o mundo.

Compreendendo sobre percepção precisamos enfatizar a experiência do corpo como campo criador de sentidos, isto porque a percepção não é uma representação mental, mas um acontecimento da corporeidade e, como tal, da existência, ou seja, a percepção corporal na dança começa quando conhecemos nosso corpo, suas partes, suas dimensões, seu volume e seu peso.

Assim, enfatizamos que a percepção corporal é o ponto de partida no trabalho da dança na educação infantil, pois gera nas crianças conhecimento e reflexões sensíveis e corporais acerca de si e do mundo.

Conhecer seus corpos e saber relacioná-los com os fenômenos a sua volta é parte importante do desenvolvimento da criança dessa idade e, por isso, os caminhos de ensino-aprendizado da dança devem ser realizados de maneira cuidadosa e generosa.

Aperfeiçoamos a presente discussão enfatizando a importância de todas as linguagens artísticas na Educação Infantil. Conforme a autora:

(...) fazendo ou apreciando artes, os alunos passam por uma experiência estética e aprendem que, com ela, o mundo pode se tornar mais agradável e mais completo. Esse aspecto da aprendizagem em artes representa o desenvolvimento de uma forma especial de se relacionar com o mundo, o cultivo do que, com ela, o mundo pode ser chamado de uma atitude estética. Para criar imagens, sons, gestos e movimentos que tenham poder expressivo e qualidade estética, os alunos precisam primeiro, desenvolver uma atenção toda especial para o mundo que os rodeia. (FERREIRA, 2001, p.31).

Uma das ações educativas mais importantes para essa abordagem é a escuta, o olhar mais cuidadoso sobre a criança. Portanto, os professores precisam conhecer o valor do que fazem, precisam saber quais as efetivas contribuições de seu trabalho no desenvolvimento dos alunos.

Quando os alunos criam com linhas, cores, palavras, gestos, movimentos e sons, desenvolvem uma atividade que está diretamente ligada à necessidade de construir um conhecimento do mundo e de comunicar esse conhecimento a outros.

Observamos em nossa prática do estágio que as diferentes linguagens artísticas fornecem um dos mais potentes sistemas simbólicos das culturas e auxiliam os alunos a criar formas múltiplas de pensamento. Dança é corpo, então precisamos dar espaço para a manifestação do corpo. Não é possível que o corpo permaneça mudo e não transmita nada. Ele nos dá informações infindas, mesmo quando imóvel. Conhecendo esses processos internos e dando espaços para que eles se manifestem, criamos assim a coreografia, a dança de cada um.

A educação deve, portanto, proteger esse potencial simbólico infantil a partir de experiências sensíveis e corporais que estimulem a criatividade e comunicação expressiva. De acordo com o autor:

De pronto e ao longo da vida aprenderemos sempre com o “mundo vivido”, através de nossa sensibilidade e nossa percepção, que permitem nos alimentarmos dessas espantosas qualidades do real que nos cerca: sons, cores, sabores, texturas e odores, numa miríade de impressões que o corpo ordena, na construção do sentido primeiro.

O mundo, antes de ser tomado como matéria inteligível, surge a nós como objeto sensível. (DUARTE JÚNIOR, 2006, p.14)

Daí, a importância da dança enquanto linguagem expressiva e promotora desses conhecimentos sensíveis defendidos por Duarte Júnior. A Educação Infantil é um dos lugares supremos dessa educação e acreditamos que o movimento expressivo dançado possa ser o caminho mais orgânico e curto para o encontro deste mundo vivido.

3. DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL A PARTIR DA EDUCAÇÃO SENSÍVEL

Para começarmos a falar da Educação Sensível precisamos antes entender de que sensível estamos abordando nesta pesquisa. Segundo o *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa* são dezoito as significações que o termo carrega em nosso idioma, afora algumas mais, advindas de expressões compostas com outras palavras. Neste caso, cinco desses significados merecem ser comentados, como abordará Duarte Júnior.

O primeiro se refere ao uso do termo para denotar consciência, como em “perdi os sentidos”. O segundo, indica uma lógica, uma razão de ser: “qual o sentido disso?” O terceiro, diz respeito a uma orientação, a uma direção: “em que sentido devo seguir?” E, por fim, o quarto e o quinto remetem à nossa percepção do mundo, numa referência aos “órgãos dos sentidos” e também àquela faculdade que, supõe-se, possuímos e os transcende: nosso “sexto sentido”, que aponta uma intuitiva capacidade de conhecer. Mas é preciso ainda tomar o termo enquanto participio passado do verbo *sentir*, indicativo de tudo o que foi apreendido pelo nosso corpo de modo direto, sensível, sem passar pelos meandros do pensamento e da reflexão. (DUARTE JÚNIOR, 2006, p.13)

Existe em nossa vida inicialmente um sentido no sentido, ou seja, tudo aquilo que é rapidamente disponível a nós através dos órgãos dos sentidos, tudo aquilo compreendido de maneira sensível pelo corpo, já carrega em si uma organização, um significado, um sentido. A educação sensível defendida por Duarte Júnior significa muito mais que o simples treino dos sentidos humanos para um maior contentamento frente às qualidades do mundo. Consiste no estabelecimento de normas mais extensas e desenvolvidas para a criação de saberes completos, e organicamente ajustados, que se estendam durante toda vida.

Tivemos uma experiência maravilhosa no estágio na Educação Infantil, nele obtivemos resultados positivos em relação às aulas de dança ministradas. Podemos dizer que o jogo de entrega dos alunos foi contagiante, a disposição para o “novo” era sempre muita boa, o que é característico nessa faixa etária. Trabalhamos com a prática da sensibilização corporal a fim de abrir seus corpos para o inusitado, e o desconhecido. Essa prática pode ser realizada desde uma automassagem ou toque sutil, despertando o corpo para os próximos passos da atividade da dança, podendo ser um espreguiçar do corpo a partir de cada uma de suas articulações, sentir os cheiros do ambiente, das pessoas, sentir nosso próprio cheiro e

assim por diante. Todas essas práticas têm como intenção deixar os alunos mais atentos e mais sensíveis ao que os rodeia, ou seja, o que pode estar presente de mais simples em nosso cotidiano, precisa ser trabalhado a partir de uma educação da sensibilidade, dos sentidos que nos colocam em contato direto com o mundo. De acordo com o autor:

Aqui se insistirá, pois, na necessidade atual e algo urgente de se dar maior atenção a uma educação do sensível, a uma educação do sentimento, que poder-se-ia muito bem denominar *educação estética*. Contudo, não nesse sentido um tanto desvirtuado que a expressão parece ter tomado no âmbito escolar, onde vem se resumindo ao repasse de informações teóricas acerca da arte, de artistas consagrados e de objetos estéticos. Trata-se, antes, de um projeto radical: o de um retorno à raiz grega da palavra “estética” — *aisthesis*, indicativa da primordial capacidade do ser humano de sentir a si próprio e ao mundo num todo integrado. (DUARTE JÚNIOR, 2006, pág.15).

É justamente na educação infantil que devemos iniciar esse tipo de abordagem estética, ampliando primeiramente a capacidade de perceber e sentir do aluno para depois se chegar à criação de uma razão mais ampla, na qual os dados sensíveis sejam levados em conta, o que nos possibilitaria conhecimentos e saberes mais abrangente e inclusive mais racional.

Conforme Duarte Júnior (2006) existe uma educação primeira dos sentidos, a partir da vida cotidiana de todos, que devemos aprimorar e refinar através da sua simbolização por meio dos signos estéticos que toda e qualquer forma de arte nos provê. Sentidos aperfeiçoados se identificam e se encontram nos signos estéticos da arte, os quais lhes viabilizam ainda um meio de expressão, com os quais se manifestar. Na escola não existe um trabalho atinado que impulse reflexões de ordem minuciosa, histórica e crítica dos valores percebidos, como deveria acontecer numa proposta de educação estética. Portanto, a educação sensível, com a nossa realidade, deve formar o campo a partir do qual podem crescer e melhor se desenvolver os traçados da percepção artística (ou estética) da vida.

Por isso é preciso trabalhar o olhar, os sentidos, é necessário proporcionar inteligência ao corpo através de experiências sensíveis em sala de aula. De acordo com Duarte Júnior (2006) o saber carrega um sabor, fala aos sentidos e agrada ao corpo, integrando-se, feito um alimento, à nossa existência. Então o professor de dança pode trabalhar a sensibilidade de seus alunos, para que a dança desperte neles o sentimento de possuírem um sistema corporal vivo, que ao dançar, procura dizer algo, ou ao menos busca fazer sentir algo.

É importante que desde sua infância na escola, a criança possa ter este contato com a dança, entendendo que essa linguagem produz conhecimento e pode expressar muito do que experienciamos no mundo e que o corpo sente e transborda sentimento.

O que a educação atual tem feito é, ao invés de aproveitar este corpo transbordante, engessam as crianças fazendo com que elas fiquem sentadas em suas cadeiras, não deixando-as explorar suas potencialidades corporais. Percebemos no estágio através das aulas práticas de dança, que para as crianças, movimentar-se em sala de aula era algo novo, pois a maioria dos professores trabalha com as crianças para que elas façam o mínimo de barulho possível e, conseqüentemente para que realizem o mínimo de movimento exequível. De repente chega o momento mais esperado, a hora do recreio, quando todas as crianças saem desesperadas da sala para poder correr, pular, brincar. Percebe-se que elas se sentem livres neste momento e por isso, esse é o momento tão esperado. Entendemos, através dos estudos realizados nesta pesquisa, que a estrutura escolar e o sistema de ensino não valorizam os saberes corporais, pelo contrário, acabam podando e engessando essa dimensão do saber, que é tão importante quanto o saber racional. De acordo com o autor:

A educação do sensível nada mais significa do que dirigir nossa atenção de educadores para aquele saber primeiro que veio sendo sistematicamente preterido em favor do conhecimento intelectual, não apenas no interior das escolas mas ainda e principalmente no âmbito familiar de nossa vida cotidiana. (DUARTE JÚNIOR, 2006, p.15)

O saber primeiro, ao qual o autor se refere, é justamente o saber corporal, que capta o mundo antes da razão e que é tão bem trabalhado pela dança e em outras atividades que enfatizam o corpo, como nos jogos corporais e na educação física.

Os chamados “jogos de rua”, por exemplo, o “pega-pega”, a “amarelinha”, o “pique-no-ar”, a “cabra cega”, o “balança caixão” se perderam culturalmente nas grandes cidades e na sociedade atual de modo geral. Os pais não têm mais tempo para brincar com os seus filhos e acabam aderindo aos brinquedos tecnológicos, pois a partir deles a criança consegue brincar sozinha. Lembramo-nos de nossas mães sentarem na frente de casa e observar todos brincando na rua, hoje infelizmente é difícil observar mães sentadas em frente de casa e crianças brincando na rua, devido mesmo aos altos índices de violência, assaltos e acidentes.

Duarte Júnior (2006) nos alerta que a casa onde vivemos, os lugares por onde percorremos, aquilo que expressamos e aqueles com quem nos comunicamos, o alimento que consumimos e o modo como ganhamos a vida, além de darem um sentido, de entregarem um significado à nossa existência, também estão diretamente relacionados com o nosso corpo, com as nossas sensações, percepções e sentimentos. O autor admite que:

(...) às crianças não se oferecem mais oportunidades de contato com a natureza, com a cidade e os seus iguais, em situações mais desprendidas e abertas do que aquelas verificadas nos parques espaços livres de nossos edifícios. As crianças, tanto quanto os adultos, não contam mais com espaços e locais amorosos e sensíveis para caminhar e correr em nossas cidades modernas. Cidades cujo propósito vem se

restringindo ao estritamente econômico, ao estritamente prático, funcional e utilitarista. Cidades desprovidas de alma e apelos à sensibilidade de todos nós, a não ser no modo inverso e negativo. (DUARTE JÚNIOR, 2006, p.87).

Devido à tamanha falta de sensibilidades de todos, incluindo nossos ambientes urbanos, devemos dar prioridade e incentivos ao que as crianças sabem e sentem, o projeto do professor deverá ser construído e registrado a partir do que as crianças entendem e sentem sobre estar em contato com o mundo, com a natureza, com as pessoas e os seres vivos que estão ao seu redor. Elas precisam aprender que o corpo será muito importante para entender, sentir e dar significado a tudo o que está no mundo. Duarte Júnior (2006) nos alerta que “saber” implica em saborear elementos do mundo e incorporá-los a nós (ou seja, trazê-los ao corpo, para que dele passem a fazer parte). O autor reitera que:

Nosso corpo (e toda a sensibilidade que ele carrega) consiste, portanto, na fonte primeira das significações que vamos emprestando ao mundo, ao longo da vida. “Produzir sentido, interpretar a significância, não é uma atividade puramente cognitiva, ou mesmo intelectual ou cerebral, é o corpo, esse laço de nossas sensibilidades, que significa, que interpreta”. (...) Emprestar sentido — ao mundo — depende, sobretudo, de se estar atento ao sentido — aquilo que nosso corpo captou e interpretou no seu modo carnal. O sentir — vale dizer, o sentimento — manifesta-se, pois, como o solo de onde brotam as diversas ramificações da existência humana, existência que quer dizer, primordialmente “ser com significação”. (DUARTE JUNIOR, 2006, p. 136).

Como já dissemos a dança é corpo, então precisamos dar espaço para a manifestação do corpo. Oportunizar o corpo com movimentos é permitir expressões voluntárias e prazerosas sem exigências de passos marcados, pois corpo dança consciente e inconscientemente. Não é possível que o corpo permaneça mudo diante do universo que os rodeia.

De acordo com Duarte Júnior (2006) cada porção ou estrato de nosso organismo exhibe sua forma peculiar de conhecimento, articulada a esse todo corporal que nos define enquanto existência. O que confirma a persistência quanto à significância de todo e qualquer processo educacional que permita o desenvolvimento das diversas categorias de saber a nós possíveis, desde a sensibilidade corporal mais sucinta até o mais ressaltado pensamento abstrato.

Atualmente parece que vem sendo formado por nossas universidades, incluindo a formação de professores, a espécie de “técnico em ciência” preocupada apenas com a instrumentalidade do conhecimento e a aferição de sua eficiência, em desvantagem da formação de cientistas cuja sensibilidade e ampla visão de mundo provavelmente os tornaria fadados a personalidades mais íntegras e até de maior capacidade criativa. De acordo com o autor:

Tomar o sensível (e a percepção do belo a ele associada) como fundamento de um processo educacional, portanto, não tem a ver apenas com os níveis elementares da educação, com a formação da criança e do jovem exclusivamente, mas pode se estender ao longo de toda a vida adulta, com significativo incremento na qualidade de vida dos indivíduos e da sociedade como um todo. (DUARTE JUNIOR, 2006, p.163).

Portanto na Educação Infantil deve-se levar em consideração toda a personalidade da criança com suas relações familiares e sua origem cultural, suas características e sua história de vida pessoal. Conforme Duarte Junior (2006), nossa missão básica na educação hoje é estimular o sentimento de si mesmo, incentivar esse sentir-se humano de modo integral, numa ocorrência paralela aos processos intelectuais e reflexivos acerca de sua própria condição humana. O autor ainda nos alerta que:

Para tanto, a inserção desse sujeito numa dada realidade, numa dada comunidade e cultura local não pode ser menosprezada em favor de um universalismo abstrato e extirpador de raízes. Sentir o mundo consiste, primordialmente, em sentir aquela sua porção que tenho ao meu redor, para que então qualquer pensamento e raciocínio abstrato acerca dele possa acontecer a partir de bases concretas e, antes de tudo, sensíveis. Porque tal desenraizamento, tal dessensibilização para com a realidade da qual fazemos parte, caracterizou até aqui o grosso da educação oficial a que nos submetemos, sempre ciosa em ensinar as grandes verdades universais, o grande pensamento, a grande ciência, desconsiderando todo e qualquer “pequeno saber” detido pelos membros da cultura local. Saber este que, quando não é simplesmente ignorado, chega mesmo a ser ridicularizado e execrado por aqueles que se consideram portadores das luzes de uma razão absoluta, representados, numa primeira instância, pelos professores da educação formal. (DUARTE JUNIOR, 2006, p.181).

Temos que ter em mente uma ação que leve a criança a descobrir e a valorizar conhecimentos presentes na cultura onde vive e a redescobrir saberes que, por terem sido esquecidos, tendem ao desaparecimento. De acordo com Duarte Júnior (2006, p.184), “os cursos de arte passaram a dirigir seus enfoques muito mais para a discussão teórica acerca do fenômeno estético e o ensino de técnicas do que para a promoção de uma real educação da sensibilidade”, isso porque fomos seduzidos pelos mitos da ciência e das tecnologias contemporâneas e pelas verdades abstratas de uma razão universal.

A arte-educação não se refere somente à simples contemplação de obras de arte, ouvir música, assistir apresentações de teatro e dança ou frequentando museus. É algo ainda maior que deve, sobretudo, principiar por uma relação dos sentidos com a realidade que se tem ao redor, composta por estímulos visuais, táteis, auditivos, olfativos e gustativos. O que nos interessa é a vida, com suas múltiplas sensibilidades e formas de expressão. É através da arte que o ser humano simboliza mais de perto o seu encontro primeiro, sensível, com o mundo.

A dança é o caminho rápido e direto para a educação sensível, ela é a linguagem essencial para estimular o conhecimento do nosso corpo e assim do mundo. É preciso

despertar o olhar para a linguagem própria do corpo e estimular o corpo para a sua própria linguagem. A dança por ser corpo trabalha corretamente esse tipo de abordagem proposta pela educação sensível e que, portanto, deve ser privilegiada na Educação Infantil.

4. CONCLUSÃO

Poderemos então responder à pergunta inicial desta pesquisa afirmando através de nossa experiência prática no Estágio Curricular Supervisionado I na Educação Infantil, que o tipo de dança a ser vivenciada na Educação Infantil seria a dança que proporciona sensibilização corporal da criança, com a intenção primeira de despertar seus corpos para o mundo e para os fenômenos que os rodeiam. Essa proposta se pauta nos princípios da educação sensível que configura um extenso território de saberes sensíveis e sem dúvida, deve caminhar junto à arte-educação.

O que nos interessa é a vida, com suas múltiplas sensibilidades e formas de expressão. É através da arte que o ser humano simboliza mais de perto o seu encontro primeiro sensível com o mundo. Então precisamos fazer as crianças sentirem o mundo, estimulando-as nas diversas formas sensoriais possíveis, mas é necessário prestarmos atenção aos seus sentimentos, observando aquilo que os estímulos provocaram nelas e no papel desses sentimentos no correr de suas vidas em sociedade, pois a construção de nossa realidade sensível é também fruto de uma ação social e cultural.

Não é demais, portanto, insistir-se no tema do corpo e do saber que ele encerra como fundamental hoje para o estabelecimento de projetos educacionais, especialmente aqueles voltados para a educação da criança e do adolescente. O corpo como base do saber e do conhecimento. O corpo como instalação de nossa existência no mundo e parâmetro último para as avaliações constantes de nossas ações e atitudes. (DUARTE JUNIOR, 2006, p.224 e 225).

E na dança há conteúdos específicos que só se aprende fazendo, pesquisando e sentindo, sem intermédio de palavras conhecimento rápido e direto para a educação sensível, ela é a linguagem essencial para estimular o conhecimento do nosso corpo e assim do mundo, por isso a escuta corporal também é muito importante para conduzirmos o trabalho com a dança na Educação Infantil. O corpo é a própria dança e é potencialmente transformador corporal, sensível e até racional.

O corpo entende o mundo antes de podermos reduzi-lo a convicções e programas abstratos próprios de nossos processos mentais. É preciso despertar o olhar para a linguagem própria do corpo e estimular o corpo para a sua própria linguagem. A dança por ser corpo, trabalha corretamente esse tipo de abordagem proposta pela educação sensível e que, portanto, deve ser privilegiada na Educação Infantil.

A dança é conhecimento, um elemento essencial para a Educação Infantil e a escola deve ser o lugar que proporciona a instrumentalização desse saber sensível e de construção de conhecimento por meio do corpo. As atividades estéticas e sensíveis ao invés de serem uma cascata de informações acerca das artes e de artistas, devem proporcionar, nessa faixa etária, uma educação voltada ao desenvolvimento da sensibilidade, do corpo, para que o aluno aprenda a se relacionar de maneira mais íntegra e plena com o mundo.

Dessa maneira, concluímos que a educação sensível, ou seja, a educação que desperta o corpo, seus sentidos e seus potenciais sensíveis, é o foco do trabalho com a dança na Educação Infantil, com a intenção de transformação da relação das crianças com o mundo gerando potencial corporal expressivo desde a primeira infância.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Conhecimento de Mundo. V.3. Brasília, DF: MEC, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>>. Acesso em 23 de novembro de 2017.

DUARTE JUNIOR, João- Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Ed. Criar, 2006.

EDWARDS, Carolyn, GANDINI, Lella e FORMAN, George. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Tradução Dayse Batista. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRA Sueli (org). **O Ensino das Artes: Construindo Caminhos**. Campinas, SP: Papirus, 2001 (Coleção Ágere), 224p. Jane de Oliveira faria.

GODOY. Kathya. “**A dança, a criança e a escola: como estabelecer essa conversa**”. In: TOMAZZONI Airton, WOSNIAK Cristiane, MARINHO Nirvana (Orgs). **II Seminários de Dança**. Algumas Perguntas sobre Dança e Educação. Joinville: Nova Letra, 2010. 228p.

IABELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARQUES. Isabel. “**Dança-educação ou dança e educação? Dos contatos às relações**”. In: TOMAZZONI Airton, WOSNIAK Cristiane, MARINHO Nirvana (Orgs). **II Seminários de Dança**. Algumas Perguntas sobre Dança e Educação. Joinville: Nova Letra, 2010. 228p.

MERLEAU – PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SALVADOR Gabriela. **História e Propostas do Copo em Movimento: Um Olhar para a Dança na Educação**. Editora. UNICENTRO, 2011.

STRAZZACAPPA. Márcia. “A tal **“Dança Criativa”**: afinal, que dança não seria?” In: TOMAZZONI Airton, WOSNIAK Cristiane, MARINHO Nirvana (Orgs). **II Seminários de Dança**. Algumas Perguntas sobre Dança e Educação. Joinville: Nova Letra, 2010. 228p.

RIBEIRO. Pollyanna e OLIVEIRA. Keyla Andrea. **Projetos de trabalho na Educação Infantil**. Porto Alegre: Mediação, 2017.